

sentir o risco que corriam os restos mortaes de Mousinho da Silveira, de confundidos com outros serem lançados á valla, pedindo com instancia em nome do decoro e da honra nacional, que se acudisse a esse opprobrio e ao menos se mandasse pôr uma simples lapide, sobre a sepultura para onde deviam ser trasladados.

O *Jornal do Commercio* publicou a carta, precedendo-a com diferentes considerações, concluindo por pedir ao parlamento para votar a somma necessaria, para que, sobre a sepultura de Mousinho da Silveira se levantasse um modesto e singelissimo monumento.

No parlamento um deputado, Paula Medeiros, apresentou a proposta para que o governo erigisse um monumento a Mousinho da Silveira e se não tinha dinheiro para isso, que abrisse uma subscrição nacional para tal fim.

O *Jornal do Commercio* em seguida, a convite do esclarecido engenheiro João Maria Leitão, que fôra amigo de Mousinho, tomou a iniciativa da subscrição.

Esta subscrição, vergonha é dizel-o, em 1869 estava apenas em 200\$000 réis, tendo João Maria Leitão concorrido em seu nome e como anonymo com 54\$000 réis, mais da quarta parte do total.

Em 13 de março do mesmo anno o sr. José Pedro Barata poz á disposição do *Jornal do Commercio* a somma de 350\$000, com que D. Thereza Guilhermina Mousinho da Silveira subscrevia para o monumento, que se tratava de elevar á memoria do seu glorioso marido.

Sobre um simples pedestal de marmore d'Estremoz, eleva-se o busto de Mousinho da Silveira em marmore de Carrara, obra do notavel escultor Calmels, que contribuiu generosamente com a materia prima e a mão d'obra de subido valor artistico.

A estampa que publicamos dá bem idéa da belleza da cabeça do venerando ancião, reproduzida no marmore, copia do modelo erecto na Margem.

A transladação teve logar em 14 de junho de 1875, do logar da Lamaracha, para ficar enterrado e inaugurado o monumento em Valle dos Gaviões, em 15 de junho de 1875.

Honrosa homenagem é justo tributar á antiga redacção do *Jornal do Commercio*.

Não alongaremos muito mais, mas antes de concluirmos, seja-nos permitido um desabafo.

N'um dos mezes do ultimo verão (a) fomos com um amigo em peregrinação á sepultura de Mousinho da Silveira, para conhecer o local e photographar o que fosse possivel colher.

E' pobre mas alegre o pequeno povoado, que cerca uma egreja que ainda por acabar, parece em ruinas, apesar do todo ficar n'uma cováda do terreno, mas superior á ribeira da Margem, que corre um pouco abaixo, atravessando um valle onde a cultura do arroz ainda se dá, mas cedendo o passo, dia a dia, á do milho de regadio que a vae substituindo.

O venerando parcho, vive modestamente n'uma pequenissima casa, n'um dos lados do pequeno rectangulo, que tem por fundo a

(a) Julho de 1839.